

METÁFORAS PARA A CIÊNCIA, A ARTE E A SUBJETIVIDADE¹

Luis Alberto Warat²

1. Repensando a construção da realidade em que vivemos: metáforas para a ciência, a arte e a subjetividade

Temos que falar do final de uma visão da história, determinista, homogênea, totalizante, e do surgimento crescente de um ponto de vista que sustenta a descontinuidade, a fragmentação, a falta de linearidade e a diferença. Junto com a necessidade dos encontros, a autonomia e a criatividade como dimensões operativas da construção das realidades em que vivemos. Outras metáforas para a ciência, a arte e a subjetividade. Um espaço estético-criativo para as verdades e a experiência. As implicações sociais, políticas, ecológicas e subjetivas da transmodernidade ocupando o centro de qualquer discussão, sem ficar relegadas a saberes ou discursos particulares. A vida cotidiana e a vida teórica; as ações sociais políticas e poéticas, todas mutuamente implicadas por mudanças nos paradigmas éticos, estéticos, científicos e terapêuticos. Intensidades que se cruzam organizando espaços de trânsito livre entre as tradicionais distinções da ciência e arte, a objetividade e a subjetividade, o mundo da cientificidade e o da filosofia. Estamos, cada dia mais imersos em um período que começa a reclamar a convergência e novos traços de integração e dependência na organização dos sentidos e das realidades em que vivemos.

Desprendo do exposto que surgem novos espaços de pensamento que, junto ao questionamento das metáforas e premissas que orientam a epistemologia e a ciência da modernidade, vão destacando a importância para a ciência de temas tradicionalmente vinculados com a arte, tais como a subjetividade, a criatividade, a singularidade e os espaços gerais para o encontro com o outro.

As metáforas de um iluminismo cativo de um ideal de progresso, como meta irrenunciável de nossa espécie, cedem ante ao reconhecimento de crises inesperadas que alteram radicalmente as realidades em que vivemos. Crises que ao afetar-nos, afetam, também, uma prolongada concepção da produção científica do conhecimento. Crises que recordam a necessidade de levar em conta a singularidade dos

¹ Tradução de Álvaro Augusto Casagrande

² Professor do CPGD/UFSC

acontecimentos; a complexidade ecológica e os rumos do desejo. Elementos, todos eles, que nunca podem ser resolvidos pela grossa trama dos conceitos. A poesia invadindo a ciência para estabelecer fendas nos conceitos, onde se instale a vida e se transforme o geral e abstrato em metáfora. Os critérios universais de verdade substituídos pela multiplicidade como sentido.

No fundo, o fim da neutralidade da ciência, revelando que ela serve para construir e destruir realidades, assim como para alterar o curso da subjetividade e das ações. Uma falta de neutralidade que obriga a considerar em seu lugar, o aspecto ético da produção do conhecimento. Somos responsáveis das realidades que construímos. A idéia da neutralidade já não nos salva. Construímos o que conhecemos e surgimos como indivíduos (sujeitos) nesse processo de construção. Devires, como gente e como mundos, processos compartilhados com os outros, dos quais brotam conflitos, cumplicidades, significados, realidades. O desconhecido, o inédito-singular, que não pode ser ocultado por nenhuma lei universal. As potencialidades desconhecidas que se levantam como esperança frente a perda de vitalidade, um dos indicadores mais preocupantes dos tempos que se avizinham.

2 O fim da ciência?

A resposta é não. Creio, como Prigogine, que recém estamos por entrar em outra concepção de ciência, apoiada em um conceito de caos, que modificará nossa formulação das leis determinio o conhecimento humano dos pontos de pontos de vista divinos e atemporais. Unicamente o final da ciência convencional; o momento privilegiado de uma nova perspectiva da natureza. Temos que cuidá-la. Está ameaçada por todos lados, principalmente pelos simulacros, pela hiperrealidade e as virtualidades da transmodernidade. Quisera que ninguém esqueça, nesse delinear, que também a nova perspectiva da natureza é pós-moderna.

A ciência indo por um plural de direções em mudança permanente, que dão capacidade ao imprevisto, ao azar, ao devir, ao novo, a irreversibilidade. Um pensamento complexo, quer dizer capaz de unir significados que se repelem entre si. A ciência do pensamento indisciplinado.

Qual é o lugar do sujeito no pensamento indisciplinado? Um “sujeito-indivíduo”, fruto de um trabalho que permita pensar as ambivalências, as incertitudes, os contrastes, as insuficiências que existem nessa idéia, reconhecendo, ao mesmo tempo, seu caráter central e periférico, significativo e insignificante. Uma idéia que se vai afastando das noções tradicionais de sujeito: dissolvido e transcendentalizado. Agora vamos rumo a uma idéia de sujeito que emerge com anterioridade ao indivíduo, por fenômenos que não são subjetivos, mas sim inesperados. Estamos em um espaço no qual emerge uma nova cientificidade, que permite considerar casos que não considerava a antiga. Não obstante as velhas concepções resistem em enormes setores do pensamento e da consciência de muitos científicos.

Falo de uma nova forma de produção de conhecimento, que estabe-

lece vínculos entre coisas que estão separadas. É a origem de **macroconceitos** abertos, cartográficos, em devires. A origem de um **macrosujeito**, de uma multisubjetividade emergente; de uma dinâmica de contextos, de objetos e de devires de individualidades complementarias. Possivelmente uma forma de tratar de tirar a epistemologia de sua situação catastrófica em torno da produção de verdades, para vê-la somente como os fundamentos dos diferentes modos de pensar (participativo e construtivo) o mundo e suas várias realidades. Regras que não servem para dizer como é o mundo, unicamente para sugerir maneiras de pensá-lo; pontos de vista.

Uma revolução na própria epistemologia. Outra revolução na consciência humana. Novas noções de conhecimento e intervenção, vencido o paradoxo da ciência moderna que exalta os pontos de vista (subjetividade) de tal forma que eles terminam proporcionando a ilusão de uma imagem tão vívida como para fazermos pensar que houvéssemos chegado a própria verdade (objetividade). O bom ponto de vista que consegue mostrar a natureza. O ponto de vista que traz a promessa de uma visão impessoal, não localizada, universal: o paradoxo da subjetividade objetivada: o ponto de vista que escapou de si mesmo para prometermos uma visão desde nenhum lugar. O ponto de vista que se torna anônimo pela adesão às regras epistemológicas (obtendo, isso sim, grande autoridade por essa renúncia). A oculta, silenciosa ilusão de objetividade no subjetivo. A subjetividade, em mudança, filtrando-se na epistemologia (para salvar o humano da humanidade) para ir tratando de plasmar em tipo de entendimento que busque sacudir, mover estruturas rígidas, desestabilizar, gerar encontros, ser no outro por amor. Uma epistemologia que não usa as ciências humanas como fonte de metáforas para pensar as relações humanas, ao inverso, que pense as relações humanas como fonte de metáforas para refletir acerca da ciência (Enely Fox Keller). O subjetivo como reserva de humanidade, para que sirva como defesa frente à um mundo exterior que pode roubar de nosso mundo interior sua possibilidade de produzir fantasias. Das verdades inscritas nos discursos às verdades encarnadas (como atual saída).

A epistemologia, agora, como um lugar de pensamento que nos encontre. Nada de regras de controle dos discursos. Algo que sirva para entender o que esta passando e pode passar com a produção de saber e a existência, conosco no futuro. Uma forma atenuada de filosofia (que não é história das idéias). Nada de metalinguagens. Algo do saber reprimido, “do que negamos ver que vemos”.

Estou falando de um pensamento sobre a produção de saber que considera as imbricadas correlações entre o sujeito e o objeto; o “antes” que condiciona ao sujeito não é, primitivamente, o contexto (o objeto previamente construído), senão um primeiro outro. A separação cognitiva entre sujeito e objeto dependendo de uma primeira fratura entre o eu e o outro, que de um só golpe constitui ao indivíduo e ao mundo como coisas separadas. Logo

segue a fratura entre sujeito e objeto como continuação. Uma fratura que não permite consolidar a identidade de um eu integrado (enraizado) em relações (autônomas) com os outros. É certo que teríamos outra idéia de ciência se partíssemos de identidades que se encontram para produzir realidades como devires. O entre-nós como circulação de sentidos. Uma epistemologia do entre-nós, que não se ocupa somente de entender o mundo como objeto, senão ao homem como um plural de afetos que querem estar vivos. O sonho de uma subjetividade que não está condenada à borrar-se a si mesma pela lógica da epistemologia; uma subjetividade que, além do mais, não seja somente individual, senão também coletiva. Um novo sentido de objetivo, agora, como a presença do exterior ao eu no “outro”. Sentidos de verdade entre corpos que, como os movimentos de uma sinfonia, se necessitam entre sí, e cada um encontra sua razão de ser (sua justificação e sentido nos outros. Decididamente inseparáveis.) Estão terminando os tempos em que o objetivo adquiria o sentido de “uma visão desde nenhuma parte”, um conhecimento sem um eu que conhece, a lógica de uma racionalidade autonomizada dos corpos;(um pensamento de corpo ausente). Uma história que chegou ao seu fim com este século; que chego ao seu fim para permitir um novo começo das representações com as que se constitui o mundo e a nós. Desse final e do que pode começar, quero me ocupar quando quero voltar a ocupar-me da epistemologia.

3. A mente artificial e seus efeitos

Agora começamos a nos enfrentar com outro tipo de pensamento liberado dos ossos e da carne: a inteligência humana sustentada dentro de uma mente artificial. Os próprios signos que se tornam criativos e autônomos. Como fugir disso? Como fazer com que os seres humanos logrem elaborar alguma resitência contra esse tipo de sensibilidade? Como recuperar a carne e os ossos para pensar? Falo do perigo do desejo perante uma capacidade de fantasiar não derivada do corpo, do desejo do homem, derivada artificialmente pela técnica.

Presumo que a resposta é ecológica.

O pensamento artificial e a autonomia do signo não escapam à linha epistemológica da modernidade, são o fruto de uma modernidade levada a suas últimas consequências. Nos faltou a necessidade de interrogarnos acerca de como recolocar a subjetividade. Necessitamos de uma nova subjetividade, que requer escapar (uma visão diferente) da história das representações objetivas da modernidade (a ilusão de creer que as observações podem ser feitas sem um observador).

Caminhos da ciência que surpreendem o que foi imaginado por vários séculos. elementos que não se inscrevem nas teorias que se estão usando, que as alteram, amplificam e modificam atendendo a duas fontes de razões diferentes: a heteronímia de pontos de vista e a singulariedade dos processos. Dois aspectos com o se põe em tela de juízo ao largo desdobramento de séculos de

referências unidimensionais. Um certo auge da polissemia (de saberes e de processos singulares) na constituição de novas realidades que se vê chegar. A multiplicação de lugares e o aporte das singularidades como interlocutores do novo e do inesperado (que modifica a trama ontológica da realidade constituída) .

4. Os estilistas do saber. O barroco no futuro. Outra epistemologia

Quero recordar que há mais de dez anos eu já havia começado a falar do princípio da heteronímia significativa para por em discussão o ponto de vista unidimensional da teoria kelseniana. Agora, suponho, estou dizendo o mesmo com algumas diferenças.

Falo de um universo de experiências que pode ser alterado pelas singularidades, o encontro com o outro, e o que os sentimentos permitem perceber. Tudo podendo ser expressado como uma espécie de volta da estetização do pensamento, das realidades cosnruídas e da vida. A necessidade de estilizar o que se vai pensando. Algo assim como a busca dos estilistas do saber, que nos permitem encontrar o equilíbrio entre o externo (assumido como sociedade real), o subjetivo e a sociedade dos simulacros e as virtualidades potencias. Estilistas que também sejam **dietólogos** e que nos ajudem em uma dietética da informação. Nos salvem de um excesso aniquilador (a **cibergordura**). Pensar com estilo, como uma forma de abrir um campo de intervenção, a fuga em direção à autonomia. Outro tipo de **Internet**: a dos sentimentos: todos vinculados nos afetos. O estilista como verdugo da alienação, uma perspectiva de saída do “capitalismo cibernético“, as vias de resingularização. A aposta em mudanças positivas para o que virá. A ecocidadania como resposta ao descontrole do espaço cibernético (esse não lugar em que se mesclam realidades e virtualidades). A chegada as portas do inferno. Como evitar que se abram? A aposta de esperança está na ecocidadania. **O barroco do futuro.**

Como vocês podem ir vendo, a estilística do saber põe o ênfase na produção da heterogeneidade, na recriação da heterogeneidade, Uma espécie de potência de emergência (para não falar de paradigma) estético, político, ético, terapêutico e amoroso. Uma espécie de navegação em todos os domínios da vida cotidiana para investigar pequenos focos moleculares aonde possa recuperar a subjetivação singular. Multiplicar a luta contra a homogeneidade capitalista (afetos, sentimentos, valores). Apostar, como esperança, que tudo nos transborde, varrendo com o homogêneo, deixando o território preparado para a heteronomia. Transbordar o homogêneo, esse é a aspiração.

Não sei em que tipo de civilização entraremos. Algo não cheira bem imaginando o futuro. Hoje supomos que estaremos vinculados a uma gigantesca rede de informações; vinculados a um gigante informático e não aos outros. Mas, no vínculo com a rede e o desperdício dos outros se perderia a possibilidade do sujeito. Estou me referindo a perda de nossa condição de identi-

dade. O homem para ter identidade está condenado a investir no outro. O homem, ao não ter essa possibilidade, cairia em uma espécie de “nirvana informática”, que é necessário evitar.

A nova função da epistemologia, assim creio, passaria pelo imperativo de produzir um saber, um estilo de conhecimento que gere um diferente tipo de sujeito: **Um sujeito no outro**, que garanta a continuidade da “condição de investir”; **me relaciono com o outro, logo existo**.

5. Produzir conhecimentos para melhorar a qualidade de vida

Quando volto a ocupar-me de questões epistemológicas descubro que não posso transitar por elas sem uma bússola ecológica, sem deixar de fazer o esforço de produzir ou transitar um espaço epistemológico que de respostas como política de civilização. A epistemologia como uma política de qualidade de vida. Um lugar de reflexão, sobre como produzir um conhecimento para melhorar a qualidade de vida, que estimule e fortifique a convivência (com um saber destinado a aumentar a qualidade dos encontros com o outro) e nos ajude a salvarnos do strees.

A ciência, a técnica que está vindo, mostram alguns lados sombrios. Em seu amparo se formaram enormes conglomerados “tecnoburocráticos”, que por uma parte dominam e achatam os problemas individuais e por outra geram irresponsabilidade (E. Morim) e falta de solidariedade. Duas coisas que levam a paulatina degradação ética.

Me resulta impossível pensar a epistemologia, em outros termos, sem elaborar uma política de civilização onde a solidariedade, os encontros afetivos, a ética, a cidadania, a qualidade geral de vida possam ser concebidas em conjunto como sentido (saberes) que realizam a vida. Formas de conhecimento que permitem evitar “as cegueiras do pensamento mutilador” (Morim).

A cultura da informatização não deixará nada sem revolucionar. Podemos chegar a transpassar os limites do imaginável. Um desenvolvimento que perdeu a dimensão dos problemas humanos, gerou marginalização, desmoralização generalizada, democracias que igualam aos homens no strees. Uma humanidade que pode adoecer de civilização, que paulatinamente paga o preço de degradar sua qualidade de vida. Vidas deterioradas pelo consumo de espelhos brilhantes. Mal-estares, que Freud não imaginou, de nossa cultura de crescimento cibernético. “O crescimento, disse Morim, que se tornou indispensável para nossas economias é insustentável a longo prazo para nossas existências individuais e também para a existência da humanidade”.

Em um mundo tão mudado e mutante: no umbral das mudanças inimaginadas, temos que estar alertas para que as novas formas de sociabilidade não nos deixem vazios e que não percam em intensidade o que ganham em atualização.

Não sabemos, como muitos, disser basta. Creio em uma epistemologia que nos ajuda a aprender “o basta dos cuidados”, que nos tire da passividade, que permita recuperar a auto-

estima (e a estima pelo outro) que perdemos.

Os meios massivos de comunicação nos acostumaram, em meio a um consumismo irresponsável, a uma olhar desatento sobre todos os mal-estares civilizatórios que cerram o milênio. As telas os exorcizam projetando-os como espetáculos cruéis, esperando com ele haver-los feito irreais... Esperamos que alguém nos divirta, enquanto as coisas vão como vão. E ao diabo os que venham (Eco).

Por outro lado, a globalização do sistema de comunicações devasta, as diferenças em formas de vida e nas distintas tradições. Tudo se faz trivial, esquemático, intercambiável e presente em qualquer parte da terra. Um trágico empobrecimento da experiência e da informação, diminuídas por seus simulacros, que ocultam as imagens reais de destruição (na guerra do Golfo somente recebemos imagens distorcidas como se foram um contato imediato com a tragédia efetiva; unicamente o simulacro de uma montagem). O mais aterrador de todo esse processo persuasivo desde o ponto de vista epistemológico, tem sido sua instantaneidade: sua difusão vertiginosa a escala planetária. A presença instantânea de uma realidade que persuade sem a mediação de argumentos (sem ideologia). Homens apanhados por novas formas de extermínio de sua autonomia (liberdade): Um empobrecimento da experiência (trivializada e mostrada com opacidade pelos meios massivos como se fora a autoevidência do instantâneo). Isso somado às infinitas possibilidades futuras das realidades virtuais, que substituirão aos efeitos persuasivos da manipulação da palavra. O fim da ideologia por homens controlados pelas imagens “o ciber-imago”, que nos coloca em um simulacro da realidade (mais brilhante que a própria realidade) que, por outra parte impõe uma passividade quase ineludível. A atitude reflexiva e crítica requer um maior esforço que o que empenhou aos homens para a desmistificação ideológica. É dizer, um desafio inédito para a epistemologia, que precisa construir uma subjetividade e uma realidade para a autonomia, vencendo a transformação em escala planetária da natureza em artifício uniforme e contemplativo. Outro tipo de saber universal (fora de sua idéia clássica) baseada na homogeneidade trivializada imposta às diferentes formas de experiência e da subjetividade. As culturas sem diferenças, que deixa ao homem sem herança e sem raízes. O homem sem plural, que busca reencontrar sua cultura na propagação do consumo.

Penso em uma epistemologia empenhada em dar outra resposta a velha questão da unidade e da diferença. Aqui, pelo momento não tenho pistas, unicamente sinto o problema. Falo de uma dialética do único e do múltiplo (não metafisicamente determinada), fruto da compreensão da unidade referencial de que tudo porta diferenças. A unidade em suas diferenças (os mesmo desejos buscados em infinitas modalidades diferentes, por exemplo).

Porém, no momento, temos que enfrentarmos com um mass media que simula diferenças em ofertas, por exemplo, para um uniforme e adormecedor ponto de vista único. Como man-

ter sinceras diferenças em uma sensibilidade assim determinada ?

Epistemologicamente, cada vez resulta mais estimulante uma maior flexibilidade, que tenha a introduzir o caos, as diferenças, a interação entre sujeito e objeto, o fragmentário em todas as disciplinas do conhecimento. Tudo muda com uma rapidez que se converte em um grande desafio epistemológico: produzir um saber com capacidade para intervir e operar nessa vida de mudança permanentemente surpreendente. Não podemos ficar ancorados em saberes que nos façam pensar sempre no passado. A verdade tem que ser conjugada no futuro dos verbos.

6. O terremoto da modernidade

Barnett Pearce introduz a metáfora do terremoto para referir-se à revolução nas comunicações (e o saber da modernidade, eu agregaria). “ Se algum de vocês esteve alguma vez em um terremoto saberá que produz uma grande desorientação. Quando de imediato aquilo que sempre consideramos estável (a terra a nossos pés e a força da gravidade) deixa de ser-lo, se sente um profundo vertigem e já não se sabe mais em que se pode apoiar; ou bem para dizer mais literalmente, sobre que se pode estar parado”.

A revolução nas comunicações modifica radicalmente nossas condições de vida em aspectos muito complexos que hoje nos resulta difícil de imaginar e que não começamos a elaborar suas implicações, como depois de um terremoto. Um novo “ paradigma” de conhecimento (se ser quer manter o termo) surgirá dessa nova revolução nas comunicações, como antes a revolução na escritura reorientou a noção de conhecimento (passando do relato à oração, abandonando o contato cara-a-cara com a autoridade, e entrando em um sentido de saber despersonalizado, sem contexto, eterno e objetivo).

O paradigma comunicacional da modernidade se apoiou nas idéias de objetividade e representação. Isso presumia que a linguagem se refere ao mundo, o representa aspirando a objetividade. A linguagem como a tentativa de refletir fielmente o mundo, com mensagens que podem não distorsioná-lo.

O paradigma comunicacional da era cibernética aceita que a linguagem contrói o mundo não o representa, não há mundo com anterioridade à construção semântica (imagens e signos que convocam a ser); o mundo como resultado de eventos comunicativos e não simples transmissões de informações ou mensagens. A linguagem como intensidades que impregnam a totalidade das atividades sociais, mas sem identificar-se com essa totalidade. Seria algo assim como a construção do mundo, da realidade e da subjetividade, pelas atividades sociais de que, por um curto período, formamos parte (en-quanto estamos vivos). Estamos, enquanto vivos, imersos em processos em curso, cujos parâmetros não estão definidos e que não atuam de modo digital; atuam de uma maneira serpentina, e com uma base de orientação deontica (que nos diz que podemos ou devemos fazer). Nessa ordem de idéias nosso conhecimento se inicia como modos de o que devemos ou não devemos fazer.

Somos primitivamente seres sociais e não epistêmicos. Algo que a própria epistemologia deve começar a levar em conta. Ela deve ser primeiramente orientada por nosso ser social como condição de significação. O ser em uma pluralidade simultânea de jogos com diferentes movimentos apropriados. Isso não nos permite ser, em um mesmo instante, o mesmo sujeito para cada um dos jogos. Em minha unidade como sujeito sempre existem uma multiplicidade de sujeitos. Sempre sou um no múltiplo.

Os fins do saber estão mudando, como efeito da atual revolução comunicacional. Os novos meios eletrônicos provocaram impressionantes alterações na estrutura física e moral do mundo social. O que por sua vez determinou mudanças na estrutura do saber. Antes tínhamos teorias; agora se dá a passagem à práxis. Teoria vem de “theorem”, o espectador das olimpíadas, o único que não participava, o que observava para comentar. O participante das olimpíadas entrava em campo para jogar e devia adaptar-se ao devir dos movimentos dos outros participantes. Todos os participantes tinham que saber como atuar em relação ao outro. Tinham que ter um conhecimento de participação para ganhar o jogo. O conhecimento de participação não aspira a busca da verdade, trata de consentir a um saber acerca de como funcionam as coisas na prática, ou se assim se quer no mundo. Uma inteligência reflexiva e não representacional. Por estas vertentes tem que ir mudando a epistemologia. Claro que não se trata de um caminho para se obter o saber que permita ganhar o jogo. Se trata de entender os movimentos dos outros para obter uma sociedade de homens autônomos, para tratar de não perder os espaços vitais para a espécie dos humanos. Por isso deve ser uma reflexão banhada de ética. Quando falei da carnavalização algo disto estava querendo dizer.

Desejaria argumentar que vivemos em uma formação social ciberneticizada, que pode chegar a por em perigo -pelos espaços virtuais, a manipulação genética, etc - a relação entre significados e ações. Que sociedade e que subjetividade resultará da incidência, em sua construção, da virtualidade e da genética?

Quando me pergunto isto coloco um interrogante ético relacionado com a ecologia, a cidadania e a subjetividade. As novas maneiras de pensar e ser que nos põem em perigo de ir - por sua distância ética - para uma espécie humana sem humanidade. Não uma busca ética de princípios, senão manobras éticas que permitam conservarmos como humanos com humanidade.

A ética tem que ir levando-nos para uma epistemologia radical. Aqui falo de radical no sentido que lhe outorga Anthony Giddens: “ não ter medo de buscar soluções não convencionais para problemas convencionais”. Soluções que não nos levem para o lado sinistro do passado ou do futuro cibernético. O futuro tem flancos assustadores, porém o passado não foi de rosas. Houve muita indignidade nas visões passadas do mundo. A dignidade tem que ser encontrada de um modo inédito, criativo ao extremo.

7. O novo fisicalismo para as ciências sociais

Apenas entrou este século, que já se vai, e surgiram teorias que apregoavam a necessidade de contar com modelos de ciências sociais que copiaram as ciências da natureza. Tratando inclusive de alcançar o ideal de ciências sociais matematizadas. Esta tendência recebeu o nome de fisicalismo. Não vale a pena discutir agora sua utilidade. O que sim me parece é que é o momento ideal para inspirar-se no pensamento, digamos, físico (ciências duras) que fecha estes últimos “instantes” do segundo milênio (Prigoginy e outros). O descobrimento da instabilidade e o caos, a maneira em que se deve delinear a irreversibilidade, o aleatório e o imprevisível constituem questão que podem produzir uma virada incalculável em qualquer saber sobre a sociedade. Em o que faz as nossas práticas de ofício mais diretas, é dizer, tudo o que envolve ao jurídico, traria aparelhado uma das maiores alterações de toda a história de suas teorias. Tudo isto é muito prematuro mas deve ser adiantado, tendo em conta, sobretudo, o estado de indefinição que parece afligir aos que estamos pensando a atualidade e o dever do jurídico. Pensem, por exemplo na idéia, sustentada por Prigogine, de que “o mundo aparece como uma notável combinação de ordem e desordem, que é finalmente a expressão da instabilidade, do caos inerente às leis básicas da natureza”. Que longe fica o jusnaturalismo e o positivismo.

Porém não quero esquecer-me, nem deixar de registrar, que o grande desafio epistemológico que estas novas tendências científicas colocam sobre o Direito passa por nossa necessidade de entender que o tempo é nosso problema crucial (sem esperar submergimos, em um começo, em um programa ambicioso). Os juristas temos que começar a abandonar a tentação do eterno. Nossa única chance de seguir refletindo sobre o direito sem ficarmos estanques em nosso próprio passado, em nossos consolos secretos, como diria Borges. Como todo tempo estancado, o tempo do Direito é sempre negação da realidade, expressão de um pessimismo diante da história. A harmonia do tempo dando seguridade.

Por isso é de estudar a idéia de Prigogini sobre o caráter construtivo do tempo, abrindo-se ao inesperado, usando a utopia e a criatividade como formas de poder influir (com esse tempo construtor) no futuro.

Os que estudam o cosmos e a natureza, confiam no futuro da ciência, porém admitindo que estamos em sua pré-história (somente começamos a ver a complexidade do mundo), que ainda faltam 500.000 anos para começar a aceitar que há uma ciência que entenda o mundo. Os juristas pensamos que há muito já a temos.